

RESENHA

Valdeci Santos*

TRIPP, Paul D. **O que você esperava? Expectativas fictícias e a realidade do casamento.** São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

O casamento é uma instituição divina e de grande valor aos olhos do Senhor. A Bíblia ensina que Deus estabeleceu o casamento como uma solução para a solidão humana, para a propagação da raça humana e para que o lar operasse como o primeiro centro de adoração e serviço a Deus. Todavia, muitas vezes o casamento se torna uma fonte de tensões e estresse para os casais. Sempre que isso ocorre, o resultado é angustiante, pois nada nos afeta mais do que o fato de um dos nossos relacionamentos centrais se tornar uma fonte de sofrimento em nossa vida. Conhecedor desta realidade, o conselheiro bíblico Paul D. Tripp escreveu o livro *O Que Você Esperava?* com o propósito de oferecer aos cônjuges desanimados e decepcionados com sua realidade matrimonial mais uma razão para perseverarem no casamento.

Paul D. Tripp é um autor conhecido do público brasileiro, pois suas obras *Instrumentos nas Mãos do Redentor* e *Adolescência: Idade de Oportunidades* têm ajudado a muitos. O primeiro se tornou livro-texto em vários cursos de aconselhamento bíblico no Brasil. Tripp também tem feito visitas ao Brasil, atuando como preletor em diversas conferências de aconselhamento bíblico. Mais recentemente, a Editora Cultura Cristã publicou outras obras de Paul D. Tripp escritas em parceria com Tim Lane, o atual diretor da Christian Counseling Educational Foundation (CCEF), em Filadélfia, Estados Unidos. Dentre essas obras temos *Relacionamentos, uma Confusão Que Vale a Pena* e *Como*

* Formado em Missões Urbanas pelo Seminário Teológico Reformado (RTS), em Jackson, Mississippi, e em Aconselhamento Bíblico pela Fundação Educacional de Aconselhamento Cristão (CCEF), em Filadélfia. Professor de Missões e Aconselhamento Bíblico no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e no Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição. Pastor titular da Igreja Cristã Reformada de Campo Belo, em São Paulo.

as Pessoas Mudam. Em cada um desses livros o leitor encontra o estilo claro, bíblico e pastoral que caracteriza o trabalho desse autor.

Quanto ao livro *O Que Você Esperava?*, é inquestionável que a experiência de Tripp como pastor e conselheiro bíblico lhe outorga a habilidade necessária para discorrer adequadamente sobre as dificuldades relacionadas ao matrimônio. Porém, a autoridade de sua abordagem procede de seu zelo e compromisso com as Escrituras Sagradas. Aliás, esse parece ser o fator determinante para que seu livro difira de uma mera integração entre aconselhamento cristão e psicologia secular. Como um bom observador e alguém preocupado em ajudar o próximo, Tripp aborda questões sobre o relacionamento conjugal com grande perspicácia. Seu diagnóstico dos problemas conjugais comuns parece preciso, assim como qualquer bom psicólogo seria capaz de fazer. No entanto, a proposta apresentada por Tripp é essencialmente bíblica e fundamentada na perspectiva divina sobre o relacionamento conjugal, e isso nenhum psicólogo secular poderia realizar. Dessa forma, se Tripp compartilha com os psicólogos o cuidado no diagnóstico em relação aos problemas conjugais, o mesmo não acontece na apresentação da prescrição para a solução deles, pois suas respostas encontram-se fundamentadas nas Escrituras.

Uma observação cuidadosa do livro *O Que Você Esperava?* irá dividi-lo em duas partes. Na primeira, o autor faz uma análise das principais razões dos conflitos e crises conjugais. Segundo ele, as expectativas irreais são grandes responsáveis pela frustração, decepção e desistências nos casamentos atuais. O problema é que essas expectativas são implantadas e cultivadas nas pessoas pelo meio em que elas vivem, tanto a sociedade secular como a própria igreja. Quando um casal está namorando ou se preparando para casar é comum que ambos, e a própria sociedade ao redor, espere que o relacionamento se reduza a um “delírio romântico”. Além de essa expectativa não corresponder à realidade diária da vida conjugal, ela nem é bíblica, e isso pode ser frustrante. Como o autor insiste, “expectativas irreais sempre conduzem ao desapontamento” (p. 16). O fato é que o relacionamento conjugal ocorre no contexto de um mundo marcado pelo pecado e que não opera de acordo com o plano original estabelecido pelo próprio Deus. Além do mais, os cônjuges não são apenas expectadores nesse contexto, mas participantes ativos. Ou seja, o casal não é apenas afetado pelo pecado ao redor, mas tanto marido como esposa são pecadores e geralmente rebelados contra a vontade santa de Deus. Por essa razão, as propostas de soluções superficiais não são duradouras. A grande bênção a ser lembrada é que o Deus gracioso e fiel atende ao clamor de pecadores e lhes restaura a alma! (cf. Capítulo 1).

A fim de ilustrar o seu argumento inicial, Tripp dá no capítulo 3 o exemplo de um casal em conflito. Segundo ele, os comentários agressivos, murmurações e ataques verbais geralmente têm o propósito de infligir culpa ou registrar alguma insatisfação. Nessas ocasiões, ambos os cônjuges têm muito a dizer,

mas ninguém parece realmente interessado em resolver os seus problemas relacionais. O que poucos percebem, segundo Tripp, é que esta “batalha conjugal” encontra-se enraizada em uma batalha mais profunda, ou seja, uma batalha interior. Tripp observa que “é muito difícil consertar alguma coisa que você não compreende, e é mais difícil ainda consertar um relacionamento com alguém quando se pensa que o problema realmente é a outra pessoa” (p. 45). Nesse ponto, o autor passa a descrever algumas características bíblicas do pecado que habita em nós a fim de ajudar seus leitores a compreenderem melhor suas atitudes e reações no contexto do relacionamento conjugal. Um dos problemas com o pecado é que ele é essencialmente antissocial e egocêntrico (2Co 5.14-15). Assim, nosso pecado nos leva a um distanciamento das pessoas e, ao mesmo tempo, a desejar que somente nossa vontade seja feita. Conseqüentemente, as pessoas ao nosso redor acabam sendo desumanizadas e passam a ser vistas apenas como objetos ou obstáculos, ou seja, elas são objeto da nossa alegria e satisfação ou obstáculos à nossa felicidade. De qualquer forma, essa é uma perspectiva pecaminosa, pois usar ou abusar de alguém não foi o propósito de Deus ao nos colocar em união conjugal. O resultado nesses casos sempre será um conflito com o plano de Deus, pois no mais íntimo do nosso ser não desejamos o que Deus deseja para nós (cf. capítulo 3).

Em resumo, na primeira parte do livro, o autor conclama os cônjuges a olharem para si mesmos sob a ótica divina revelada nas Escrituras. Essa proposta é completamente antagônica àquelas que motivam as pessoas a olhar para os seus cônjuges como se o problema começasse com eles. Somente quando essa exigência é cumprida o casal pode eliminar o processo de culpa e acusações mútuas a fim de se observarem como participantes e corresponsáveis pelas crises conjugais.

Após estabelecer o diagnóstico quanto às verdadeiras origens de conflitos conjugais, Paul D. Tripp passa a discorrer sobre o processo de restauração dos casamentos marcados por frustração e desânimo. A palavra “processo” corresponde à perspectiva do autor de que o caminho da restauração não ocorre “em um passe de mágica”, mas mediante o comprometimento diário dos interessados. Nesse sentido, Tripp argumenta que a coisa principal a fazer é desenvolver um relacionamento pessoal e íntimo com Deus. O que mais necessita uma pessoa que não crê que conseguirá continuar amando o seu cônjuge é do próprio Deus em sua vida, pois a Bíblia ensina que “Deus é amor” (1Jo 4.8). O relacionamento com Deus sempre é o alicerce do relacionamento com o próximo. Somente quando estiver amando e servindo a Deus de forma correta alguém será capaz de expressar o amor de Deus de maneira apropriada ao seu cônjuge. Somente aquele que está seriamente comprometido com Deus poderá comprometer-se a um processo diário de reconciliação com o seu cônjuge. Em suma, essa é a proposta da segunda parte desse livro.

A tese de Tripp desenvolvida na segunda parte do seu livro é que um bom casamento é possível. No entanto, “deve ser entendido que um bom casamento não é um dom misterioso. Ao contrário, um bom casamento é um conjunto de comprometimentos que, de momento a momento, se torna um estilo de vida” (p. 60). À luz da aplicação de 2Coríntios 5.14-21 ao contexto do casamento, o autor defende: “Você não estaciona esperando, de alguma forma, conseguir evitar as coisas ruins. Não! Você deve viver com uma intencionalidade de reconciliação” (p. 61). Essa “intencionalidade de reconciliação” é desenvolvida por Tripp a partir do compromisso com seis práticas essenciais para um bom casamento. O primeiro desses seis compromissos é o estilo de vida de confissão e perdão. De acordo com o autor essa atitude é essencial para que haja purificação e o cancelamento de débitos entre os cônjuges. O resultado não é o esquecimento mútuo e nem mesmo a ignorância das falhas mútuas, mas a rejeição de uma vida de contínuas acusações e ataques verbais. O cancelamento de débito implica no fato de o credor abrir mão do seu direito de submeter diariamente o devedor a um tribunal relacional.

O segundo compromisso básico para um bom casamento é a determinação em buscar crescimento e mudança na agenda diária. Utilizando a metáfora do trabalho no jardim o autor defende que o casal deve se comprometer em identificar e extirpar as “ervas daninhas” que minam o relacionamento e plantar “novas sementes” a fim de colherem o fruto do trabalho árduo. A perspectiva desse princípio é que o casal deve viver sempre com uma mentalidade de colheita, pois a Escritura afirma que colheremos o que foi semeado. O terceiro compromisso a ser assumido pelo casal diz respeito à edificação de um forte elo de confiança. A fim de que isso seja possível, cada cônjuge deve sair da posição de “defensiva” ou de sua “zona de conforto” e se arriscar em determinadas ocasiões. Por exemplo, é necessário que os cônjuges se arrisquem a admitir o erro, a pedir perdão pelas falhas e se apresentarem como responsáveis pelo erro. Somente assim os cônjuges poderão olhar um para o outro como pessoas confiáveis. O quarto compromisso a ser estabelecido pelo casal diz respeito a se esforçarem em prol de um relacionamento de amor. No entanto, o autor já havia rejeitado o conceito secular de amor como um “delírio romântico”. Sua ênfase consiste na determinação bíblica para praticar aquele amor que é paciente, voluntário e benigno (1Co 13.4). A natureza desse amor resulta em edificação mútua em vez da decepção e frustração individual.

Os últimos compromissos a serem assumidos por um casal que deseja experimentar um bom casamento são a atitude de lidar com as diferenças com graça e apreciação e, em último lugar, a determinação de conjuntamente proteger o seu matrimônio. Enquanto alguns casais preferem discutir as diferenças pessoais como “certas ou erradas”, Tripp recomenda que elas sejam celebradas com graça, pois as Escrituras afirmam que os seres humanos são feitura do Supremo Artista que na criação conferiu as individualidades como expressão

da sua multiforme sabedoria. Assim, cada cônjuge pode se envolver em uma empolgante aventura de conhecer um ao outro de forma mais cuidadosa. Com respeito à defesa do casamento, o autor reconhece que há vários inimigos de um casamento sadio e harmonioso. O surpreendente, porém, é a insistência do autor em que o meio mais eficiente de defender a harmonia conjugal é a intimidade com o Senhor Deus. Somente quando o casal aprende a adorar a Deus em sua vida diária e no seu relacionamento interpessoal ele será equipado para lutar eficientemente em prol da proteção do casamento.

Finalmente, esse livro é útil não apenas aos casais que enfrentam crises ou dificuldades na área do relacionamento. Ele também pode ser usado como uma ferramenta crucial no ministério daqueles que procuram ajudar casais a desenvolverem harmonia em seus relacionamentos. Dessa forma, conselheiros bíblicos, pastores, presbíteros e outros líderes na igreja podem ser grandemente beneficiados com o estudo dessa obra. Além do mais, o estilo didático de Tripp contribui para que esse livro seja estudado em classes de Escola Dominical ou pequenos grupos existentes na igreja local. A publicação dessa obra foi mais uma atitude acertada da Editora Cultura Cristã.